

# A MISÉRIA ENVERGONHADA DE NOSSAS DERROTAS: A VERGONHA COMO VÍNCULO SÓCIO-IDENTITÁRIO E A SELEÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL MASCULINO

## THE SHAMEFUL MISERY OF OUR DEFEATS: SHAME AS A SOCIO-IDENTITARY BOND AND THE BRAZILIAN MEN'S SOCCER TEAM

VICTOR BRANDÃO DE OLIVEIRA\*

**Resumo:** O artigo tem por objetivo examinar as potencialidades da vergonha enquanto vínculo sócio-identitário, como proposto pelo historiador Carlo Ginzburg. Para tanto, analisaremos a trajetória esportiva da seleção brasileira em períodos de Copa do Mundo, com ênfase nos momentos em que este sentimento emergiu diante da massa torcedora, e no modo como foi reportado pela imprensa esportiva. Da edição sediada no Brasil, em 1950, quando o selecionado precisava apenas de um empate e perdeu para o Uruguai, aos sete gols sofridos contra a Alemanha, em 2014, outra vez em solo nacional. Se na perspectiva de Ginzburg a vergonha pode ser um elo, de fato, mais forte que o amor, torna-se fundamental investigar suas relações com um elemento tão caro à formação de nossa identidade quanto o futebol, avaliando de que forma este sentimento foi exposto em periódicos e obras que decorreram dos jogos. Intenciona-se examinar, sobretudo, como o insucesso esportivo do Brasil na Copa do Mundo de 1950 e as emoções decorrentes da derrota contribuíram para a formação de um sentimento de comunidade fundamentado na vergonha compartilhada.

**Palavras-chave:** Identidade; Seleção brasileira; Vergonha;

**Abstract:** The purpose of this article is to examine the potentialities of shame as a socio-identity bond, as proposed by historian Carlo Ginzburg. To do so, we will analyze the sport trajectory of the Brazilian national team during World Cup periods, emphasizing the moments when this feeling emerged in front of the supporters base, and examining the way it was reported by the sports press. From the 1950 edition hosted in Brazil, when the national team lost to Uruguay, to the seven goals suffered against Germany in 2014, once again on home soil. If, from Ginzburg's perspective, shame can be a bond, in fact, stronger than love, it becomes essential to investigate its relationships with an element as dear to the formation of our identity as football, thus evaluating how this feeling was exposed in periodicals and works that resulted from the games. The intention is to evaluate, mainly, how the Brazilian national team's sports failure in the 1950 World Cup, and the emotions arising from the defeat, contributed to the formation of a community feeling based on shared shame.

---

\* Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHIS/UFRJ), bolsista do CNPq. (E-mail: victorbrandoliveira@gmail.com)

**Keywords:** Identity; Brazilian national team; Shame;

### Introdução

As sensações decorrentes das derrotas da seleção brasileira nas Copas do Mundo de 1950 e 2014 são descritas por Leda Maria da Costa respectivamente como “tragédia” e “vergonha”. Para a jornalista, as duas partidas parecem entrelaçadas, de modo que os sentidos decorrentes das perdas são reavivados a cada nova edição da competição, sendo possível, inclusive, encontrar no vexame diante da Alemanha, em 2014, algo similar a um expurgo<sup>1</sup> da vergonha de 1950 — como se a partir daquele momento a tragédia fundacional do selecionado brasileiro fosse substituída por outra. É assim que seu artigo, de título sugestivo, “Maracanazo, adeus? Da tragédia de 1950 a vergonha de 2014 nas narrativas da derrota da seleção brasileira na imprensa”<sup>2</sup>, irá examinar a forma como a imprensa esportiva, em seus setores hegemônicos, narrou estes dois momentos de fracasso, produzindo interpretações que, de certa forma, também representam o imaginário que se fez da identidade do Brasil e do futebol brasileiro.

Se o futebol é, de fato, o esporte mais difundido na sociedade brasileira, os Mundiais são momentos de inflexão, períodos intercalados a cada quatro anos que nos colocam frente às possibilidades de vitórias e derrotas. Como Leda Maria da Costa já apontou em outra obra, as Copas do Mundo possuem sua própria temporalidade, “nestes momentos, constitui-se um tempo próprio e uma história própria, apresentados e vividos como suspensos em relação ao tempo histórico”<sup>3</sup>, e, segundo a autora, “é nesse tempo suspenso que uma outra história se escreve: a história na qual nós inscrevemos o modo como queremos nos compreender como nação, como povo, como totalidade”<sup>4</sup>. Assim, se os resultados nesta competição — e as representações derivadas dos jogos — são representativas e auxiliam na construção do que buscamos definir enquanto identidade brasileira, este processo incorpora não apenas os sucessos do selecionado nacional, mas também, e em igual intensidade, suas perdas e as sensações que delas decorrem. É importante, então, ressaltar que existem diferentes derrotas, algumas de menor destaque e

---

<sup>1</sup> E isto não significa que os sentidos por trás do Maracanazo não continuem sondando a seleção brasileira, especialmente em conflitos contra o Uruguai. No entanto, a partir de 2014, a principal tragédia desportiva nacional recebeu uma outra derrota à altura, que por determinados setores da sociedade passou a ser encarada inclusive como o maior vexame da história do selecionado nacional, posto que, ainda hoje, Brasil 1x7 Alemanha permanece sendo o jogo com a maior diferença no placar entre a seleção brasileira e outro adversário.

<sup>2</sup> COSTA, L. M. **Maracanazo, adeus? Da tragédia de 1950 a vergonha de 2014 nas narrativas da derrota da seleção brasileira na imprensa**. Tríade: Comunicação, Cultura e Mídia, Sorocaba, SP, v. 4, n. 7, 2016.

<sup>3</sup> GUEDES, Simoni Lahud. **O Brasil nas Copas do Mundo: tempo suspenso e história**. Reunião Brasileira de Antropologia. Gramado, 2002, p. 7.

<sup>4</sup> *Ibidem*, p. 8.

outras com o potencial de gerar uma coletânea de ensaios que buscam explicar distintas facetas da sociedade brasileira — este é o caso dos infortúnios contra o Uruguai, em 1950, e Alemanha, em 2014.

Em relação a estes confrontos, entende-se que há extensa dissertação que intenta dar conta das dinâmicas que perpassaram os dois jogos. Dessa forma, nossa pretensão no presente artigo, menos do que complementar os estudos relativos à essa temática, é oferecer uma nova perspectiva sobre as derrotas — um modo de compreender seus sentidos e representações — a partir da concepção de vergonha, definida pelo historiador Carlo Ginzburg como um potente elo sócio-comunitário. Para tanto, optou-se por uma metodologia que se concentra na pesquisa e revisão bibliográfica, haja vista a ampla literatura que aborda este tema, a fim de compreender as formas como o sentimento de vergonha foi evocado nas análises, utilizando também recortes de periódicos, de época e atuais<sup>5</sup>, com o intuito de investigar como a imprensa esportiva, reprodutora do jogo para além do campo, repercutiu as derrotas e suas sensações. Logo, se o selecionado nacional possui a capacidade de emular sentimentos nacionalistas, sobretudo nos períodos de Copas, incorporando, através de seus ganhos e perdas, novos sentidos de uma identidade brasileira, promover um exame sobre as derrotas mais emblemáticas do Brasil, tendo a vergonha como um fio que as conecta, é fundamental para buscar outras compreensões sobre a interação entre seleção, nação e sociedade.

### **A vergonha enquanto vínculo sócio-identitário**

Em um ensaio recentemente publicado no Brasil, o historiador italiano Carlo Ginzburg decidiu se lançar à questão da vergonha como um possível vínculo social-identitário. Emergia em sua obra, de início, uma observação instigante, “há muitos anos, percebi de repente que o país a que pertencemos não é, como quer a retórica mais corrente, o país que amamos, e sim aquele do qual nos envergonhamos”<sup>6</sup>. Seguida de sua constatação, “a vergonha pode ser um vínculo mais forte que o amor”<sup>7</sup>. O autor conta que, por diversas vezes, testou essa descoberta com alguns amigos de diferentes países e, embora a princípio eles esboçassem um ar de

---

<sup>5</sup> No ano de 2020, completou-se setenta anos do episódio do Maracanazo. A data, servindo como um marco histórico, reacendeu discussões e interpretações acerca do futebol nacional, e tendo agora como par a derrota para a Alemanha, em 2014, foi abordada sob distintas perspectivas e, inclusive, de forma comparada com o “vexame” mais recente.

<sup>6</sup> GINZBURG, Carlo. **O vínculo da vergonha**. Serrote. edição especial. Trad. Samuel Titan Jr. São Paulo: IMS, jul. 2020, p.7

<sup>7</sup> Idem.

surpresa, a reação geral — quase instantânea — era a de conformidade com a sugestão do historiador, como se ela fosse “uma verdade evidente por si só”<sup>8</sup>.

No entanto, levando-se em conta os perigos por trás de uma conclusão precipitada, o italiano procurou desenvolver sua ideia central por meio de uma investigação mais profunda. Partindo de um dialogismo entre os escritos de Bernard Williams<sup>9</sup> e Douglas L. Cairns<sup>10</sup>, e sem fugir à contribuição que outras leituras também oferecem à sua observação generalizada, Ginzburg promoveu em seu texto uma tentativa de submeter a vergonha à análise histórica.

Se, por um lado, Williams encontra na história antiga grega o passado do que atribuímos como modernidade, Cairns enfatiza a distância entre a cultura grega e a nossa. Assim, é estabelecida a primeira distinção entre os dois autores que serão os pilares da discussão desenvolvida por Ginzburg. Ademais, nota-se a dicotomia entre a antiguidade e a modernidade, na tentativa de definir a vergonha em seus termos linguísticos e históricos a partir das formas em que é evocada. Nesse sentido, torna-se necessário ressaltar que, ao tratar da vergonha, Ginzburg parte de uma noção estipulada por Aristóteles — de que a vergonha está incluída no rol das paixões, não sendo, dessa forma, uma virtude (Aristóteles, 2003).

A obra flui enquanto o autor se lança a um número considerável de questionamentos, aproveitando-se da liberdade dada pela estrutura do ensaio, explorando os limites de sua escrita e desta forma textual. Ginzburg sabe em que ponto, de fato, começa, “partindo de uma experiência disseminada: o país a que pertencemos é o país do qual nos envergonhamos”<sup>11</sup>. Mas, também sabe que interrogações podem ser mais relevantes do que um ponto final, “quais serão os limites plausíveis de uma comunidade baseada na vergonha?”<sup>12</sup>. Ginzburg, a rigor, consegue retratar as noções de vergonha, culpa e ego, através de temáticas sensíveis, percorrendo da religião ao holocausto em sua busca pelos possíveis elos comunitários disseminados por eventos marcados pela vergonha compartilhada.

O historiador reconhece, entretanto, as fronteiras que são impostas pelo tempo, tendo em vista as distintas noções que podem permear uma palavra em diferentes períodos, e que não o permitem estabelecer definições precisas para o que se entende como vergonha na contemporaneidade e até mesmo ao longo dos séculos — assim como *Aidos*, termo usado com

---

<sup>8</sup> Idem.

<sup>9</sup> WILLIAMS, Bernard. **Shame and Necessity**. Berkeley: University of California Press, 1993.

<sup>10</sup> CAIRNS, Douglas L. **Aidos: The Psychology and Ethics of Honour and Shame in Ancient Greek Literature**. Oxford: Clarendon Press, 1993, pp. 27-47.

<sup>11</sup> GINZBURG, 2020, p. 18.

<sup>12</sup> Idem.

frequência na *Ilíada* com o intuito de inspirar coragem no campo de batalha, que “é e não é idêntico a vergonha”<sup>13</sup>. O próprio Ginzburg, em outra obra, já havia apontado para os perigos da ambiguidade semântica no vocabulário historiográfico. A partir das preocupações de Marc Bloch, o autor aborda como é importante que os historiadores saibam distinguir duas dimensões: a das palavras e a da realidade; de modo que se nos concentramos única e exclusivamente na primeira, perdemos a noção da segunda. De acordo com Ginzburg:

a linguagem da história foi, e sempre foi, desde o tempo de Heródoto em diante, uma linguagem humana: sendo, na verdade, a linguagem da vida cotidiana, mesmo quando apoiada em estatísticas e diagramas. E a evidência em que o historiador se baseia também está escrita principalmente nessa linguagem da vida cotidiana.<sup>14</sup>

Ainda que não chegue à uma conclusão definitiva, nem tenha a pretensão de esgotar as perspectivas que adotem a vergonha como vínculo social, deixando o debate em aberto, Ginzburg encerra o ensaio ressaltando sua principal intenção, a de que “repensemos de um ângulo inesperado nossas múltiplas identidades, suas interações e sua unidade”<sup>15</sup>. Dessa forma, a vergonha, em suas multifacetadas instâncias, apresenta-se enquanto uma possível ferramenta para reflexões e estudos que abordam fenômenos de coletividade em diferentes sociedades e períodos históricos.

Percebendo as potencialidades teóricas da vergonha, tal como foi apresentada por Ginzburg, o presente artigo intenciona relacioná-la a um dos fenômenos sociais que mais afloram emoções na sociedade brasileira: o futebol. Sendo este um esporte de massas, permeando o social em suas distintas raças, classes e gêneros, o futebol evoca também identidades que podem ser clubísticas, envoltas ao redor dos clubes, ou de caráter mais abrangente, em que a seleção brasileira, encarnação da nação em grandes rituais esportivos, como as Copas do Mundo, é a representação de uma identidade comungada entre brasileiros.

### **O torcedor, o estádio e um olhar sobre o futebol nas Ciências Humanas**

Se o vínculo regido pela vergonha tem a capacidade de ser “mais forte que o amor”<sup>16</sup>, como apontou Ginzburg, essa relação passional é capaz de permear espaços sociais e políticos. Apresentando-se em escalas variadas, imiscuindo-se em relações que se concentram tanto em laços familiares enraizados, mas que também são definidas por territorialidades — país, cidade,

---

<sup>13</sup> *Ibidem*, p. 12.

<sup>14</sup> GINZBURG, Carlo. **Nossas palavras e as deles: o ofício do historiador na atualidade**. ArtCultura, São Paulo, v. 23, n. 42, jan-jun 2021, p. 9.

<sup>15</sup> GINZBURG, *op. cit.*, p. 20.

<sup>16</sup> GINZBURG, 2020, p. 7.

município, bairro — e espaços de convívio coletivo. Desse modo, a vergonha assume uma capilaridade, sendo capaz de se propagar na sociedade em instâncias tanto individuais, quanto comunitárias, servindo neste caso como um elemento de conexão que envolve sujeitos cujo único laço compartilhado é a própria vergonha.

Nesse sentido, o campo futebolístico, enquanto ambiente que evoca emoções, apresenta situações e sentidos inusitados, vinculados aos indivíduos em sua prática de torcer. Seja a agremiação da vizinhança, pela qual se detém algum afeto, passando pelo clube que gera uma identificação, ou, em perspectiva macroestrutural, o selecionado nacional, que aglutina a população sob a égide do verde e amarelo — diversas são as possibilidades que evocam o torcer enquanto um elemento de manifestação coletiva. O sentimento do torcedor muda, portanto, de acordo com a referência adotada, posto que sua relação com o clube<sup>17</sup>, muitas vezes marcada por experiências cotidianas, em vista da regularidade das partidas e da presença midiática, é distinta daquela definida com a seleção brasileira, cujos jogos são mais pontuais e o contato com o jogador é restrito, pois parte dos atletas que compõem o selecionado atuam no futebol estrangeiro.

Ainda assim, o êxtase do torcer como prática comunitária muitas vezes encontra seu apogeu na figura do selecionado nacional. Seja pelo reconhecimento que cerca a seleção e os jogadores, representantes da nação em campo, ou pela possibilidade de se torcer em comunhão, pondo de lado as desavenças clubísticas compartilhadas com outros indivíduos, unindo-se diante do sucesso esportivo ou da vergonha. Encarando as vitórias e derrotas, o torcedor se apresenta como uma parte fundamental do espetáculo esportivo. Estando sujeito às conquistas e reveses, o sujeito que apoia seu clube ou selecionado nacional, compreende rapidamente que essa relação é definida pela pertença, e que este sentimento, por vezes, intensifica-se ao estar vinculado à própria territorialidade. De acordo com o geógrafo Fernando da Costa Ferreira, "a intensidade e as diferentes formas de expressão da paixão torcedora, ainda que variem ao redor do planeta, transformaram os estádios, para os seus fãs mais fervorosos, em lugares sagrados (...)"<sup>18</sup>. Assim, o comportamento conjunto da torcida, carregado de significados abrangentes, torna-se exponencial em uma praça esportiva, ainda que estes equipamentos sejam erguidos em

---

<sup>17</sup> A perspectiva de "clube" adotada aqui, refere-se às principais agremiações que compõem o cenário de espetacularização do futebol brasileiro, englobando, dessa forma, equipes das primeiras divisões do campeonato nacional, que concentram não apenas a maior parcela da população torcedora, mas que também são retratadas dia a dia nos periódicos e mídias sociais.

<sup>18</sup> FERREIRA, Fernando da Costa. **O estádio de futebol como arena para a produção de diferentes territorialidades torcedoras: inclusões, exclusões, tensões e contradições presentes no novo Maracanã**. 2017. 439 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017, p. 128.

certas ocasiões dividindo a massa de torcedores por critérios distintos, como aponta Luiz Antônio Simas sobre a construção do Maracanã:

"Conforme mencionei na primeira parte do trabalho, o estádio foi pensado, em 1950, para ser frequentado por torcedores de todas as classes sociais, mas não de forma igualitária. O Maracanã foi espacialmente dividido, como se cada torcedor tivesse que saber qual é a sua posição na sociedade (...)"<sup>19</sup>

Embora seja a materialização da territorialidade torcedora em sua essência, o estádio também é capaz de promover uma setorização dessa mesma torcida que o frequenta a partir de características sociais. E apesar de ser possível presenciar com mais evidência este aspecto nos dias de hoje, ainda na década de 1950 essa diferenciação era notável.

No entanto, apesar dos limites presentes no recém-inaugurado estádio para a Copa do Mundo que o Brasil sediaria, Simas novamente destaca a função social da torcida frente ao gigante de concreto:

"A estrutura de cimento das arquibancadas era evidentemente desleixada. O estádio, afinal, foi inaugurado antes de estar pronto. O desleixo, todavia, foi encantado pelos torcedores que se apropriaram do espaço, construindo modos coletivos de torcer e interagir com o jogo e com o gigante de cimento, animando a matéria bruta aparentemente fria e morta."<sup>20</sup>

Dentre as notícias que repercutiram sobre a Copa do Mundo de 1950, não apenas o futebol apresentado pela seleção brasileira e sua improvável derrota contra o Uruguai circularam pelas manchetes, o destaque também estava na torcida. Voltamos aqui à Leda Maria da Costa, que aborda como a conduta dos brasileiros se tornou notícia: "Além de se exaltar o futebol, o *Jornal dos Sports* também enfatizou encantamento provocado pela torcida brasileira que mesmo triste havia se comportado de modo pacífico, sem confusão alguma no Maracanã"<sup>21</sup>. A torcida havia encantado a todos por sua vibração e por seu comportamento, tanto na vitória quanto na derrota. Os brasileiros que vivenciavam suas primeiras experiências no Maracanã inventavam diferentes modos de torcer, descobrindo-se muitas vezes em seu próprio processo de formação como sujeitos-torcedores em um estádio de dimensões exorbitantes, de modo que o indivíduo se tornava parte de uma multidão.

A coletividade representada simbolicamente por hino e bandeira — elementos compartilhados nacionalmente e que promovem uma identificação entre a massa torcedora —, ou até mesmo fisicamente, em campo, com a possibilidade de haver no elenco do selecionado

<sup>19</sup> SIMAS, Luiz Antônio. Maracanã: quando a cidade era terreiro. Rio de Janeiro: Mórula, 2021, p. 119.

<sup>20</sup> Idem, p. 198.

<sup>21</sup> COSTA, L. M. Maracanazo, adeus? Da tragédia de 1950 a vergonha de 2014 nas narrativas da derrota da seleção brasileira na imprensa. Tríade: Comunicação, Cultura e Mídia, Sorocaba, SP, v. 4, n. 7, 2016, p. 132.

nacional algum jogador que foi revelado ou atuou pelo clube do torcedor, culminava na manifestação de sentidos e emoções mais amplas. Isto posto, por diversas vezes as Ciências Humanas tomam o futebol<sup>22</sup> e, principalmente, os grandes eventos decorrentes deste esporte, que são capazes de mobilizar uma gama variada de sensações, como objeto de estudo.

Se na década de 1970 o antropólogo José Carlos Rodrigues iniciava seu ensaio, *O Rei e o Rito*<sup>23</sup>, expondo o descaso do ambiente acadêmico a um objeto de pesquisa tão vasto como o futebol, “se as ideologias falam também por seus silêncios, o mutismo das ciências sociais brasileiras em torno dos aspectos políticos do futebol salta aos nossos olhos”<sup>24</sup>, quase quarenta anos depois, com a área de estudos que se concentram no esporte em vias de consolidação, o sociólogo Ronaldo Helal se utilizou do mesmo exemplo para expor o contraste presente nos dias de hoje, apontando para o fato de que “o campo cresceu muito”<sup>25</sup>. Cada vez mais amplo e estabelecido no Brasil, incluindo ainda novas metodologias, objetos e fontes, o espaço destinado aos estudos acadêmicos sobre esportes, no geral, e o futebol, em particular, expandiu-se nos últimos anos.

Como Helal coloca em seu ensaio:

A literatura acadêmica sobre o futebol brasileiro começou a se constituir alguns anos após o livro *Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira*, organizado por Roberto DaMatta e publicado em 1982. Até aquele momento, os estudos eram escassos e havia tendência a se utilizar perspectiva "apocalíptica", nos termos de Eco (1979), influenciada pelo marxismo, que considerava o futebol variante do ópio dos povos, poderosa força de alienação dos dominados.<sup>26</sup>

Embora já conste, com mais de quarenta anos, a obra fundante de DaMatta<sup>27</sup> ainda se destaca no meio acadêmico relacionado às pesquisas que se concentram na área da História do Esporte, uma vez que trouxe consigo um fator relevante às pesquisas voltadas para o futebol, ao entendê-lo enquanto “drama” da vida social.

Apresentado enquanto um fenômeno capaz de impactar direta e indiretamente a vida cotidiana de diversos cidadãos, torcedores ou não, o futebol é visto como um verdadeiro “drama”. Um espetáculo que manifesta sensações, e ao mesmo tempo é capaz de gerar alegrias

---

<sup>22</sup> MELO, Victor Andrade de; DRUMOND, Maurício; FORTES, Rafael; MALAIA, João Manuel. **Pesquisa Histórica e História do Esporte**. 1.ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.

<sup>23</sup> RODRIGUES, José Carlos. **O rei e o rito**. In: RODRIGUES, J.C. **Ensaio em antropologia do poder**. Rio de Janeiro, Terra Nova, 1982. O artigo foi publicado originalmente na Revista *Comum*, Rio de Janeiro, FACHA, 1978.

<sup>24</sup> *Ibidem*, p. 75.

<sup>25</sup> HELAL, Ronaldo. **Futebol e comunicação: a consolidação do campo acadêmico no Brasil**. Rio de Janeiro: Comunicação Mídia Consumo 8 (21), 11-37, 2011.

<sup>26</sup> *Idem*, p. 14.

<sup>27</sup> DAMATTA, Roberto. **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

e frustrações, vencedores e vencidos, orgulho e vergonha. Desse modo, ampliando ou reduzindo a escala do torcer enquanto prática social e o objeto de sua torcida, é possível relacionar o argumento apresentado por Ginzburg, de que “o país a que pertencemos é o país do qual nos envergonhamos”<sup>28</sup>, ao próprio futebol e às emoções que decorrem dele. Entretanto, a fim de seguir os parâmetros estabelecidos pelo historiador italiano em seu debate, o intuito aqui é examinar os torcedores sob uma perspectiva macroestrutural — partindo do país (Brasil) e da seleção nacional.

### **A miséria envergonhada de nossas derrotas: Brasil 1x2 Uruguai, o Maracanazo**

O Brasil, até hoje, é o único país a participar de todas as edições de Copas do Mundo organizadas pela FIFA<sup>29</sup> e, ao mesmo tempo, é o maior campeão do torneio, tendo atingido o auge do futebol mundial em cinco ocasiões: 1958, 1962, 1970, 1994 e 2002. Contudo, o fato de ter sido o país que mais vezes esteve presente na competição acarreta duas circunstâncias: é o que teve mais oportunidades de vencer, e o fez, tendo conquistado o pentacampeonato em 2002; mas também aquele que mais vezes se submeteu à possibilidade de perder e conquistar o sucesso esportivo.

Entre as vinte e duas edições<sup>30</sup> que disputou, poucas foram as ocasiões em que o selecionado nacional passou por uma grande infelicidade. Contudo, em uma vasta gama de torneios a serem analisados, é possível constatar situações, como o vexame protagonizado no Mundial de 1950, em que a derrota do selecionado nacional se fez repercutir amplamente, tornando-se um suplício reavivado a cada quatro anos<sup>31</sup>. Embora tenhamos passado por uma frustração recente, em 2014<sup>32</sup>, que ainda se faz presente nos debates esportivos contemporâneos, sendo reavivada a cada quatro anos, a diferença entre o que se sucedeu nas

---

<sup>28</sup> GINZBURG, 2020, p. 18.

<sup>29</sup> De acordo com o site oficial da entidade, a Federação Internacional de Futebol Associação (FIFA) é uma organização responsável por governar o futebol e desenvolver o jogo ao redor do mundo. A FIFA é também responsável pela organização de outras modalidades e práticas do jogo, como o futsal, o futebol de areia, entre outros.

<sup>30</sup> O último Mundial disputado pela seleção brasileira de futebol masculino, ocorreu em 2022 e foi realizado no Catar.

<sup>31</sup> Apesar das conquistas das Copas do Mundo de 1958 e 1962, o "fantasma" do Maracanazo continuou a repercutir e assombrar o torcedor brasileiro. Tendo sido reavivado no Mundial de 1970, ocasião em que o Brasil enfrentou o Uruguai pelas semifinais do torneio, tendo vencido seu adversário por 3x1 e, posteriormente, consagrando-se como tricampeão, é possível ainda encontrar paralelos mais contemporâneos, como na Copa do Mundo de 2014, sediada no Brasil, em que torcedores uruguaios foram vistos nos estádios fantasiados de "Fantasma da Copa de 1950".

<sup>32</sup> Em 2014, o Brasil foi escolhido como país que sediaria a Copa do Mundo. Naquele ano, o selecionado nacional sofreu uma derrota acachapante para a Alemanha nas semifinais da competição. O 7x1, que posteriormente virou sinônimo das frustrações cotidianas na sociedade brasileira, foi a maior derrota do país em Copas do Mundo.

duas ocasiões é expressiva. Como apontou o jornalista Juca Kfourri, em sua coluna na *Folha de S. Paulo*, publicada em decorrência das recordações dos setenta anos de Brasil 1x2 Uruguai, o Maracanazo:

é drama em estado puro, como o suicídio de Getúlio Vargas, quatro anos depois, ou as mortes de Tancredo Neves e Ayrton Senna. Dor, dor, dor. Como disse Ghiggia, "Apenas três pessoas, com um único gesto, calaram o Maracanã: Frank Sinatra, o Papa João Paulo II e eu."<sup>33</sup>

Por outro lado, para Kfourri, a Copa do Mundo de 2014 “foi um verdadeiro desacato ao futebol brasileiro, (...). Não deu para lamentar, de tão surreal a situação, bizarra, patética”<sup>34</sup>.

Em 1950, o futebol brasileiro já havia se profissionalizado<sup>35</sup> e emergia como uma das grandes paixões nacionais. No mesmo ano, a Europa buscava se reconstruir após a Segunda Guerra Mundial — um dos fatores que possibilitaram a escolha de um país sul-americano como sede para a Copa do Mundo que voltaria, enfim, a ser disputada. Além disso, o Brasil deixara o regime do Estado Novo de Vargas há apenas cinco anos, caminhando para um período democrático com a eleição do presidente Eurico Gaspar Dutra (1946-1950), e o selecionado nacional, apesar da campanha empolgante no Mundial de 1938<sup>36</sup>, ainda não havia conquistado a taça *Jules Rimet*. Existia, portanto, a oportunidade da seleção se sagrar campeã em solo nacional, diante de sua população.

A seleção brasileira que disputaria a Copa do Mundo de 1950 já empolgava os torcedores antes mesmo do início do torneio, tendo em vista os bons resultados que havia apresentado anteriormente e a organização estabelecida pela Confederação Brasileira de Desportos (CBD). Como destaca a historiadora Lívia Magalhães:

O otimismo era evidente. A vitória no Sul-Americano de 1949 ajudou a crescer na população a certeza de que a seleção era capaz, de que venceria aquela batalha. (...) A CBD preparou-se como nunca antes, com três subcomissões, e tinha como uma das maiores preocupações a pressão que sofria a seleção.<sup>37</sup>

<sup>33</sup> KFOURI, Juca. **O Maracanazo ficará para sempre, mesmo após não haver mais testemunhas**. São Paulo: Folha de S. Paulo, jul. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/jucakfourri/2020/07/derrota-do-brasil-para-o-uruguai-na-copa-do-mundo-de-1950-e-dor-eterna.shtml>. Acessado em 18 de fevereiro de 2023.

<sup>34</sup> Idem.

<sup>35</sup> Embora fosse praticado desde o final do século XIX, e já popularizado nas primeiras décadas do século XX, o futebol só passou a ser considerado um esporte profissional no Brasil em 1933. O profissionalismo serviu para regular as relações no âmbito do jogo, de modo que os atletas, até então considerados amadores, teriam a possibilidade de receber uma compensação pelo trabalho que prestavam aos clubes.

<sup>36</sup> Sediada na França, a Copa do Mundo de 1938 foi a primeira vez em que a seleção brasileira obteve um bom resultado esportivo. Terminando em terceiro lugar, após ser eliminado para a Itália, futura campeã, nas semifinais, o Brasil, além do futebol vistoso apresentado, tinha também em seu elenco Leônidas da Silva, eleito o melhor jogador da competição.

<sup>37</sup> MAGALHÃES, Lívia Gonçalves. **Histórias do futebol**. São Paulo: Arquivo Público do Estado, 2010, p. 87-88.

Em uma amálgama de ufanismo com um sentimento refletido pela identificação da torcida com os jogadores, devido à diversidade na composição do elenco do escrete nacional, os brasileiros aumentavam a empolgação com a possibilidade da glória esportiva. Segundo Magalhães:

A emoção às vésperas da final era impressionante. Para uma população majoritariamente das classes mais baixas, ver jogadores de origem comum à sua dando um verdadeiro espetáculo era quase uma vingança pela constante exploração do sistema excludente e elitista em que vivia.<sup>38</sup>

Além disso, a final seria, assim como os jogos que a precederam, realizada no Estádio Municipal Ângelo Mendes de Moraes, popularmente conhecido como “Maracanã”<sup>39</sup>. O Maracanã fora construído havia pouco, após uma intensa campanha capitaneada por Mario Filho e seu *Jornal dos Sports*, e de acordo com Leda Costa, no Mundial de 1950, “estaria no gramado mais do que um simples time de futebol e sim uma seleção que desde o final da década de 1930 se configurava como uma espécie de metonímia da própria nação”<sup>40</sup>. Metonímia da nação, o selecionado representava o povo em campo e, conseqüentemente, seus resultados teriam um impacto significativo na própria percepção do que seria uma identidade brasileira.

É importante ressaltar que de modo diferente das regras que são estabelecidas atualmente, a Copa do Mundo de 1950 possuía outro regulamento. Ao invés de uma final em jogo único, como estamos habituados, o torneio era decidido em um “quadrangular”, com as melhores equipes de cada um dos quatro grupos da fase inicial. Desse modo, classificaram-se para a última etapa da competição: Brasil, Suécia, Espanha e Uruguai. A seleção brasileira

---

<sup>38</sup> MAGALHÃES, 2010, p. 89.

<sup>39</sup> Foi por meio do *Jornal dos Sports* que o jornalista Mário Filho iniciou uma campanha pública pela construção de um estádio na então capital do Brasil na década de 1940, o Rio de Janeiro. Desde 1946 já se sabia que a Copa do Mundo seria realizada no Brasil, e a partir de uma longa discussão, em que se buscou decidir desde o local para o estádio, se no bairro de Jacarepaguá ou na região do antigo Derby Club, até o âmbito do governo — federal ou municipal — responsável pela sua construção, definiu-se que uma nova praça esportiva seria erguida no Rio de Janeiro. O Mundial, que a princípio ocorreria em 1949, foi adiado para 1950, em vista da proximidade com os jogos olímpicos de Londres de 1948, dando tempo para que a campanha de financiamento do estádio, promovida pelo *Jornal dos Sports* a partir da venda de cadeiras cativas, e a obra fossem concretizadas. Ainda que não estivesse com a estrutura finalizada quando foi inaugurado, em 1950, o estádio acabou recebendo como nome oficial, Estádio Municipal Ângelo Mendes de Moraes. Entretanto, em decorrência da morte de Mário Filho, em 1966, demorou poucas semanas para que a Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro aprovasse o projeto do deputado Jamil Haddad, que alterava o nome do Maracanã para Estádio Jornalista Mário Filho, em homenagem a um dos principais nomes que liderou a campanha pela construção da praça esportiva. Sobre a disputa que envolveu a construção do Maracanã, cf. TAVARES, Ana Beatriz Correia de Oliveira; VOTRE, Sebastião Josué. **Estádio do Maracanã: dos alicerces ao colosso do derby**. REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, v. 37, p. 258-264, 2015.

<sup>40</sup> COSTA, Leda Maria. **Maracanazo, adeus? Da tragédia de 1950 a vergonha de 2014 nas narrativas da derrota da seleção brasileira na imprensa**. Tríade: Comunicação, Cultura e Mídia, Sorocaba, SP, v. 4, n. 7, 2016, p. 130.

goleou a Suécia e a Espanha, respectivamente, pelos placares de 7x1 e 6x1<sup>41</sup>. Sendo assim, a equipe comandada pelo técnico Flávio Costa enfrentaria na última partida o Uruguai que, por sua vez, havia vencido apenas um de seus jogos, tendo empatado o outro, o que fez com que o confronto com o anfitrião tomasse contornos de uma final – embora o Brasil, em decorrência da pontuação adquirida pelas duas vitórias, precisasse apenas de um empate para a conquista do título. O selecionado nacional se apresentava, então, como franco favorito na partida contra os uruguaios.

Em “Momento Feliz. — Reflexões sobre o futebol e o ethos nacional”,<sup>42</sup> o historiador Arno Vogel, busca “investigar como os brasileiros pensam a sua comunidade nacional através do futebol e como se relacionam, a partir daí, com o *sucesso* e com o *fracasso*, quando estes irrompem subitamente em suas vidas”<sup>43</sup>. Para tanto, o autor realiza um comparativo entre as Copas do Mundo de 1950 (fracasso) e 1970 (sucesso), estabelecendo um contraste entre a participação do Brasil e as emoções que envolveram a torcida após os resultados, a fim de compreender as razões que tornam o futebol objeto de fascínio na sociedade brasileira. Assim, ao abordar os desdobramentos do Mundial de 1950, o autor nos conta que, após as duas goleadas na fase final, tanto a imprensa, quanto os torcedores foram acometidos por uma euforia e um clima de festividade. Logo, não demorou até que o escrete nacional recebesse qualificações como: “Nossos rapazes jogavam em ritmo de samba”<sup>44</sup> ou “O Brasil dá uma lição de futebol”<sup>45</sup>. A torcida fazia questão de manifestar o orgulho que sentia pelo selecionado, e os periódicos mais eufóricos apostavam na vitória em tom de certeza<sup>46</sup>.

No entanto, enquanto os demais indivíduos encontravam-se atingidos pelo júbilo do “já ganhou”, o escritor José Lins do Rego foi um dos poucos que se manteve sóbrio às vésperas da partida contra a seleção celeste. Adotando um tom cauteloso, o autor de *Menino do Engenho*,

---

<sup>41</sup> Ainda hoje, esses dois jogos são as maiores goleadas aplicadas pelo Brasil em Copas do Mundo. Detalhe curioso é que a partida contra a Espanha ficou marcada pela participação intensa da torcida, que a cada gol entoava a marchinha “Touradas em Madrid”, de Carlos Alberto Ferreira Braga, compositor conhecido popularmente como Braguinha.

<sup>42</sup> VOGEL, Arno. **Momento Feliz. — Reflexões sobre o futebol e o ethos nacional**. In: Roberto DaMatta, *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*, Rio de Janeiro, Pinakotheke, 1982.

<sup>43</sup> *Ibidem*, p. 82, *grifos meus*.

<sup>44</sup> *Ibidem*, p. 84.

<sup>45</sup> *Idem*.

<sup>46</sup> Anos após a final da Copa do Mundo de 1950, passou a circular pelo meio esportivo, a história de que o jornal carioca *A Noite*, teria estampado no sábado, 15 de julho de 1950, véspera da grande final, uma imagem da seleção brasileira com os dizeres “Estes são os Campeões do Mundo”. A história, reproduzida excessivamente, inclusive no próprio artigo de Vogel, não chegou a ser confirmada, e no site da hemeroteca digital, ao conferir as digitalizações do referido periódico, não é possível encontrar a suposta capa, embora seja perceptível a euforia que tomava conta da imprensa esportiva a partir dos relatos e matérias daquele dia.

publicou uma crônica intitulada “Agora, os mais duros”<sup>47</sup>, no dia 15/07/1950, em sua coluna *Esporte e Vida*, que mantinha quase diariamente no *Jornal dos Sports*. Sem oba-oba, Zé Lins, como era conhecido pelo público, ressaltou as alegrias dadas, até aquele momento, pelos “rapazes brasileiros, saídos das modestas camadas do povo”<sup>48</sup>, mas não perdeu a oportunidade de fazer uma ressalva: “Amanhã teremos outra etapa, a mais difícil, a mais dura”<sup>49</sup>. Como se pressentisse o perigo representado pelos discursos da população e nas matérias que destacavam a provável vitória sobre o Uruguai, o autor procurava poupar seus leitores mais assíduos de passarem da euforia à tristeza em caso de derrota.

Os periódicos da época, após a partida, contabilizavam um público de aproximadamente 200 mil pessoas em pleno Maracanã na “final” entre Brasil x Uruguai. A seleção possuía a vantagem do empate, jogava o futebol mais vistoso do torneio e contava com uma esmagadora torcida no estádio. Nada poderia dar errado, era o sentimento compartilhado nacionalmente, ainda mais quando o atacante Friaça, do *São Paulo Futebol Clube*, abriu o placar para o Brasil. O orgulho ecoava na voz de milhares de brasileiros que vislumbravam a vitória e comemoravam o gol por todo o país. No entanto, Zé Lins estava correto em sua previsão, e ele não fora o único. Apesar da animação que se alastrava entre os torcedores, o historiador Alvaro do Cabo e o sociólogo Ronaldo Helal relatam que o periódico *Diário Carioca* também adotava ressalvas na abordagem do confronto contra a seleção uruguaia. De acordo com os autores:

É importante observar que até então o Uruguai era considerado tricampeão não apenas nos periódicos de seu país, mas também em jornais brasileiros. Isso por causa do bicampeonato olímpico em 1924 e 1928 e pela conquista da primeira Copa do Mundo, em 1930. Ademais, a equipe uruguaia era vista como muito boa e candidata ao título, fato que também cai no “esquecimento” na maior parte das obras e reportagens que se referem ao Mundial de 1950.<sup>50</sup>

Ao contrário das goleadas anteriores, em que o selecionado construiu suas vitórias com facilidade, a partida do dia 16 de julho de 1950 foi dura, e a equipe celeste, comandada pelo capitão Obdulio Varela, se impôs em pleno Maracanã, mesmo atrás no placar. Entre os relatos de torcedores que estiveram no estádio<sup>51</sup>, conta-se que após o gol de Schiaffino — 1x1 —, o público presente emudeceu. A euforia e os gritos de campeão foram substituídos por comedimento. Até que, tendo o jogo transcorrido para mais da metade do segundo tempo,

<sup>47</sup> REGO, José Lins do. **Agora, os mais duros**. Rio de Janeiro: *Jornal dos Sports*, 15 de jul. 1950, p. 5.

<sup>48</sup> Idem.

<sup>49</sup> REGO, 1950, p. 5

<sup>50</sup> CABO, Alvaro do; HELAL, Ronaldo. **Vitória Épica e Tragédia Nacional em 1950: um contraponto entre o Diário Carioca e veículos da imprensa uruguaia**. In: Ronaldo Helal; Alvaro do Cabo. (Org.). *Copas do Mundo: comunicação e identidade cultural no país do futebol*. 1ed. Rio de Janeiro: Eduerj, 2014, v. 1, p. 62.

<sup>51</sup> VOGEL, 1982, p. 89.

Alcides Ghiggia venceu o lateral Bigode na corrida e marcou o segundo gol uruguaio ao chutar no canto esquerdo do goleiro Moacir Barbosa, sacramentando a derrota brasileira. Como destaca, mais uma vez, Livia Magalhães:

O Brasil precisava apenas do empate, e até marcou primeiro, mas os uruguaios viraram o jogo. O *silêncio e a dor* no Maracanã foram históricos, tanto que o presidente da FIFA, Jules Rimet, ficou sem reação ao entregar o troféu para os visitantes. Dizem que a tragédia era tamanha que os próprios jogadores adversários consolaram os membros da seleção brasileira. Era inacreditável, mas o Brasil havia perdido. Para alguns, o erro estava no fato de que o que *o Brasil entendeu o jogo como a defesa da pátria*, enquanto para os uruguaios era somente uma partida de futebol. Assim, passou-se também a criticar a associação entre nação e futebol, tão marcada durante o torneio.<sup>52</sup>

Quando redigiu seu ensaio, Vogel entrevistou torcedores que estiveram no Maracanã na derrota do selecionado nacional, de modo que muitos descreveram o que se seguiu após a virada dos uruguaios, como um “silêncio tumular”<sup>53</sup>. Os brasileiros que estavam presentes não conseguiam acreditar que, dentre todas as previsões realizadas antes do jogo, a derrota fosse, com efeito, uma possibilidade. Após o gol de Ghiggia, os jogadores brasileiros não conseguiram buscar o empate e viram, diante de seus olhos, dissipar-se toda a alegria e comoção dos torcedores, que enxergavam no escrete nacional a representação metonímica da nação. Como a própria Costa (2016) aponta, os periódicos publicados após o jogo realizaram um esforço para suavizar a perda, ressaltando que o Brasil havia vencido mais partidas e encantado o mundo com suas exhibições. Por outro lado, alguns jornalistas se viraram aos jogadores na busca por vilões e culpados. De acordo com a autora, os relatos eram de que os atletas não teriam tido o ímpeto de afastar a possibilidade da derrota após sofrerem o empate, o que possivelmente alimentou a narrativa de que aquela partida estava destinada à vergonha, pois como bem destaca Paulo Perdigão, ao término do jogo, alguns atletas não podiam dar conta do que havia de fato acabado de ocorrer, tendo alguns desabado, como se fossem a metonímia de uma nação:

"Quanto ao choro de Danilo, deixando o campo amparado por um locutor, além de ser a imagem mais famoso da "tragédia de 50", traduz a resignação dos humildes, o luto aquiescente de quem "ousou ser alguém" perante o mundo e, como castigo, *mereceu apenas a retirada vexatória à sua "insignificância"*. Sim, porque, do modo como as coisas haviam se processado, não era o simples caso de ganhar ou perder uma competição esportiva, mas, com efeito, uma questão de arriscar-se entre dois pólos: de um lado, a graça e a bem-aventurança; do outro, a vergonha e a desonra."<sup>54</sup>

<sup>52</sup> MAGALHÃES, Livia Gonçalves. **Histórias do futebol**. São Paulo: Arquivo Público do Estado, 2010, p. 90, *grifos meus*.

<sup>53</sup> VOGEL, 1982, p. 89.

<sup>54</sup> PERDIGÃO, Paulo. **Anatomia de uma derrota. 16 de Julho. De 1950 - Brasil x Uruguai**. São Paulo: Panda Books, 2006, págs. 15 e 16.

A derrota da equipe brasileira era também a derrota de um modelo de país que se imaginava naquele momento, e a relação entre o futebol e a nação estava marcada pelo insucesso esportivo e a vergonha dos brasileiros.

Um dos autores que buscou traduzir a tragédia apresentada em campo foi justamente aquele que, às vésperas da partida, preferiu adotar um tom cauteloso em sua análise. Dois dias após a derrota do selecionado nacional, em 18 de julho de 1950, José Lins do Rego voltou a publicar uma crônica em sua coluna no *Jornal dos Sports*. Sob o título de “A Derrota”<sup>55</sup>, o autor, ainda no início do texto, retratou o sentimento mórbido que pairou sobre a torcida brasileira:

Vi um povo de cabeça baixa, de lágrimas nos olhos, sem fala, abandonar o Estádio Municipal como se voltasse do enterro de um pai muito amado. Vi um povo derrotado, e mais que derrotado, sem esperança. Aquilo me doeu no coração. Toda a vibração dos minutos iniciais da partida reduzidos a uma pobre cinza de fogo apagado.<sup>56</sup>

Talvez fazendo jus à própria descrição que Zé Lins buscou dar à derrota, utilizando-se da imagem de um enterro para transmitir a sensação, o historiador Arno Vogel tenha definido o que se alastrou entre os torcedores como um “silêncio tumular”. Contudo, é no decorrer da leitura que conseguimos compreender a desilusão de Zé Lins, “e, de repente, chegou-me a decepção maior, a ideia fixa que se grudou na minha cabeça, a ideia de que éramos mesmo um povo sem sorte, um povo sem as grandes alegrias das vitórias, sempre perseguido pelo azar, pela mesquinha do destino”<sup>57</sup>.

Mais do que o tamanho da derrota, sobretudo por ter ocorrido no Brasil, em pleno Maracanã, os torcedores brasileiros tiveram que carregar o peso da vergonha e os jogadores passaram a conviver com a culpa, por não terem sido capazes de evitar uma tragédia nacional, embora alguns tenham recebido críticas mais duras do que outros. O Brasil idealizado e sonhado, que enxergava na seleção o ápice da conciliação entre indivíduos de diferentes raças e classes sociais<sup>58</sup>, encontrou também os maiores culpados pela queda diante do Uruguai em

---

<sup>55</sup> REGO, José Lins do. **A derrota**. Rio de Janeiro: *Jornal dos Sports*, 18 de jul. 1950, p. 5.

<sup>56</sup> Idem.

<sup>57</sup> Idem.

<sup>58</sup> Em prefácio escrito à primeira edição do clássico *O Negro no Futebol Brasileiro* (1947), de Mário Filho, o sociólogo Gilberto Freyre exalta o papel relevante que o futebol assumiu em uma sociedade mestiça como a brasileira, e sua importância para a mobilidade social da população negra. De acordo com Freyre, “Sublimando tanto do que é mais primitivo, mais jovem, mais elementar, em nossa cultura, era natural que o futebol, no Brasil, ao engrandecer-se em instituição nacional, engrandecesse também o negro, os descendentes de negro, o mulato, o cafuzo, o mestiço. E entre os meios mais recentes — isto é, dos últimos vinte ou trinta anos — de ascensão social do negro ou do mulato ou do cafuzo no Brasil, nenhum excede, em importância, ao futebol” (2010, p. 25). Ainda que as problemáticas por trás da obra e do discurso de Freyre estejam em destaque nos dias de hoje, a ideia de uma “democracia racial” percorria os campos acadêmicos do Brasil ainda nas décadas de 1940 e 1950, tendo suas contradições expostas, em parte, nas consequências da derrota na Copa do Mundo de 1950 e na incessante procura

Moacir Barbosa, Bigode e Juvenal, jogadores negros que, de um dia para o outro, foram eleitos como os que causaram uma dor irreparável em milhões de brasileiros.

A vergonha, como explicitou Ginzburg, “varia imensamente de um país para outro. Mas o vínculo da vergonha está sempre lá, para um número maior ou menor de indivíduos”<sup>59</sup>, e, no caso da Copa do Mundo de 1950, a vergonha estava lá para todos os brasileiros — o país inteiro acometido por este sentimento, assim como a culpa que afetou, principalmente, Moacir Barbosa. O goleiro do *Club de Regatas Vasco da Gama*, foi condenado dentro e fora de campo, como ele mesmo se queixou na década de 1990, durante as recordações do Maracanazo: “No Brasil, a pena máxima (de prisão) é de 30 anos, mas pago há 40 por um crime que não cometi”<sup>60</sup>.

A queda diante do Uruguai, no Mundial de 1950, trouxe novamente um debate a respeito da questão racial no Brasil. Se poucos dias antes da derrota, estabelecia-se no país uma perspectiva positiva relacionada à diversidade na composição étnica da seleção brasileira, tendo base, inclusive, em teorias de Gilberto Freyre, que vigoravam no cenário nacional, o resultado frustrante fez com que o elenco se tornasse objeto de constantes discussões. Apenas três anos antes da Copa do Mundo, o jornalista Mário Filho havia publicado a primeira edição de “O Negro no Futebol Brasileiro”<sup>61</sup>, construindo uma narrativa quase mitológica relacionada ao herói negro, considerado por ele um dos elementos primordiais na construção de uma identidade para o futebol nacional. Porém, a busca por culpados para o infortúnio em campo fez com que alguns jogadores, sobretudo os atletas negros, fossem perseguidos pela imprensa esportiva e massa torcedora. Em “Barbosa - Um Gol Silencia o Brasil”<sup>62</sup>, Roberto Muylaert, ao traçar uma biografia do arqueiro brasileiro, conta-nos que, após todo o sofrimento da derrota na final, Barbosa teria quebrado com um machado as traves — de madeira, à época — que estava defendendo, quando sofreu os dois gols na tarde de 16/07/1950 e, após isso, queimou-as para fazer um churrasco no bairro em que morava na zona norte do Rio de Janeiro. Esta história, recontada em “Fechado por motivo de futebol”<sup>63</sup>, livro póstumo do uruguaio Eduardo Galeano, é colocada em análise mais ampla e questionada sobre sua veracidade no prefácio escrito por

---

por culpados. A respeito deste debate, cf. HELAL, Ronaldo. **Futebol e comunicação: a consolidação do campo acadêmico no Brasil**. Rio de Janeiro: Comunicação Mídia Consumo 8 (21), 11-37, 2011.

<sup>59</sup> GINZBURG, 2020, p.7

<sup>60</sup> ROSAS, Frederico. **A pena perpétua de Barbosa**. São Paulo: *El País*, 11 jun. 2014. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2014/06/11/deportes/1402498066\\_930352.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2014/06/11/deportes/1402498066_930352.html). Acesso em 19 de fevereiro de 2023.

<sup>61</sup> FILHO, Mario. **O negro no futebol brasileiro**. 1 ed. Rio de Janeiro: A Noite, 1947.

<sup>62</sup> MUYLAERT, Roberto. **Barbosa - Um Gol Silencia o Brasil**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2014.

<sup>63</sup> GALEANO, Eduardo. **Fechado por motivo de futebol**. Trad. Eric Nepomuceno. 2 ed. Porto Alegre [RS]: L&PM, 2019.

Ezequiel Fernández Moores. De acordo com o autor, “pode ser que Barbosa, como dizem no Brasil, contasse essa versão para que não o incomodassem mais, para dizer a nós que, para ele, o *Maracanaço* já eram cinzas”<sup>64</sup>.

Moacir Barbosa, com o tempo, passou a representar um eterno condenado que não poderia mais se redimir pelos seus pecados. Como disse Paulo Perdigão, em sua clássica obra a respeito do jogo contra os uruguaios, “continuará assim até o final dos tempos: naquela tarde, aqueles jogadores brasileiros, diante daquela multidão, perderam a Copa do Mundo para sempre. Nunca mais o Brasil ganhará a Copa de 50”<sup>65</sup>, e embora pareça uma constatação óbvia, existe, em suas entrelinhas, algo que nos remete ao que Zé Lins havia colocado em sua crônica “A Derrota”, a percepção de que éramos mesmo um povo sem sorte e, talvez, perseguidos pelo azar.

Pode-se dizer, então, que não apenas a seleção, mas também o povo brasileiro, saíram derrotados do Maracanã e com isso os sonhos e esperanças do que poderia ser o Brasil, em certa medida, encerravam-se. Como um dos entrevistados por Vogel afirma, a Copa de 1950 “foi o *nosso fracasso... E a nossa vergonha também*”<sup>66</sup>. O termo posto em análise histórica no ensaio de Ginzburg constantemente se relaciona com o campo futebolístico, ainda mais na abordagem de uma derrota. A vergonha, nos sentidos expressos no meio esportivo, muitas vezes aparece como sinônimo de vexame, e deve ser evitada pelos clubes e seus jogadores.

Além disso, na década de 1950, o futebol estava em processo de expansão, de modo que passou a atingir cada vez mais diferentes estratos sociais do país, atrelando-se aos sentimentos dos indivíduos que passaram a perceber este esporte como um elemento que os igualava. Dessa forma, se na primeira parte de seu artigo, “Que ‘povo brasileiro’ no campo de futebol?”, Simoni Lahud Guedes encara as avaliações sobre o futebol como elementos de destaque “para a divulgação de interpretações sobre a nação e o ‘povo brasileiro’”<sup>67</sup>, ressalto que os discursos a respeito da Copa de 1950 devem ser encarados seguindo a mesma linha, como veículos fundamentais para a compreensão do vínculo entre Seleção-Nação. Perceber os sentidos atribuídos ao insucesso esportivo, reduzidos por vezes à categoria de “vergonha”, auxilia-nos também a compreender de que forma este sentimento se relaciona a imagem do que seria o povo

---

<sup>64</sup> Ibid. p. 16 e 17.

<sup>65</sup> PERDIGÃO, Paulo. **Anatomia de uma derrota. 16 de Julho. De 1950 - Brasil x Uruguai**. São Paulo: Panda Books, 2006, p. 15.

<sup>66</sup> VOGEL, Arno. **Momento Feliz. — Reflexões sobre o futebol e o ethos nacional**. In: Roberto DaMatta, *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*, Rio de Janeiro, Pinakotheke, 1982, p. 91, *grifos meus*.

<sup>67</sup> GUEDES, S. L. **Que povo brasileiro no campo de futebol?**. *Razón y Palabra*, v. 69, p. 45, 2009, p. 1.

brasileiro, levantando outra vez a retórica proposta por Ginzburg: seria o país que amamos, aquele do qual nos envergonhamos? Se a relação comunitária entre cidadãos não se define exclusivamente a partir dos elementos clássicos que representam o nacionalismo, o esporte tornou-se a arena que facilitou a percepção do modo como enxergamos nosso país. Seguindo a máxima proferida pelo dramaturgo Nelson Rodrigues, a seleção brasileira seria a "pátria de chuteiras", e as Copas do Mundo poderiam ser encaradas como verdadeiras campos simbólicos de embate entre diferentes nações. Como destaca Simoni Guedes em sua obra:

"Os esportes, de maneira geral, difundiram-se pelo mundo de maneira extraordinária no último século, configurando novos espaços de sociabilidades, novas corporalidades e, principalmente, novos territórios de criação de sentido e significação."<sup>68</sup>

É possível, dessa forma, compreender as diversas camadas que encobrem a derrota na Copa do Mundo de 1950, e por quais razões o resultado adverso impactou tanto a sociedade brasileira. Na busca pela atribuição de significados decorrentes do esporte, as narrativas encabeçadas pelos periódicos acerca das vitórias e derrotas tornaram-se, mais do que histórias de ascensão e queda, formadoras de uma identidade e um imaginário coletivo, sobretudo em períodos de Copas do Mundo.

### Da vergonha à glória nacional

Um dos motivos que possivelmente elevou o sentimento de vergonha após a derrota, foi o regozijo do "já ganhou", que era fomentado pela maior parte da imprensa e dos torcedores. O Brasil decidiu se apossar previamente de um título que não havia conquistado, e vê-lo nas mãos do adversário acarretou na constatação de dois fatores: o desrespeito com os vizinhos sul-americanos, e a falta de humildade com um adversário tão digno quanto nós.

Assim, ainda que a vergonha possa ser expressada a partir dos sentimentos individuais de cada torcedor, este sentimento propicia ao mesmo tempo um vínculo sócio-identitário que se estabelece em torno de uma comunidade. Voltamos a Magalhães:

Mas a derrota e *os sentimentos que ela gerou acabaram reforçando os laços coletivos desenvolvidos ao longo do torneio*. Certamente, em um primeiro momento, procurou-se por culpados, mas o tom de tragédia nacional que foi dado àquele momento acabou *fortalecendo e afirmando o futebol como elemento da identidade do Brasil*. Daquele ano em diante, a pátria passaria a vestir as chuteiras, como disse certa vez o cronista Nelson Rodrigues.<sup>69</sup>

<sup>68</sup> Ibidem 3.

<sup>69</sup> Ibid., *grifos meus*.

A autora expressa de que maneira seria possível absorver algo positivo do trauma de 1950. O sentimento, ao contrário do que era de se esperar, transitou rapidamente entre a dor proveniente do choque inicial e a sensação de que, mesmo com a derrota, fazíamos parte de uma elite do futebol, e o título da Copa do Mundo era apenas uma questão de tempo.

Havia uma união a partir da vergonha de 1950, e apesar de mais uma derrota em 1954, o Brasil passou a organizar os moldes do que poderia ser o futebol nacional em um futuro próximo. João Havelange<sup>70</sup>, presidente da Confederação Brasil de Desportos (CBD) desde 1956, impôs um novo modelo estrutural na seleção. Aliando o cientificismo à técnica, todos os jogadores convocados foram submetidos a rigorosos exames físicos e psicológicos. Pela primeira vez, o Brasil realizava um planejamento efetivamente profissional para participar da competição, com o intuito de fazer com que a vergonha decorrente dos resultados peggrossos fosse, enfim, minada da memória nacional.

Em 1958, a seleção do técnico Vicente Feola e do jovem Edson Arantes do Nascimento, o Pelé, apresentava performances de destaque a cada jogo. Nem mesmo na final do campeonato — agora em jogo único, decorrente de mudanças no regulamento —, ocasião em que aplicou um garboso 5x2 na Suécia, anfitriã do torneio, a seleção relutou. A sociedade brasileira poderia comemorar a conquista de sua primeira *Jules Rimet*, e deixar para trás o fardo do Maracanazo que, às vésperas de cada nova Copa do Mundo, emergia nos periódicos como uma lembrança da vergonha que havíamos compartilhado.

Ao analisar as crônicas esportivas publicadas à época, Fátima Antunes<sup>71</sup>, examinou textos de José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues, constatando que, segundo esses autores, a falta de organização do futebol brasileiro foi um dos fatores preponderantes para as derrotas anteriores no torneio. Zé Lins, envolvido diretamente com o futebol — a ponto de ter sido dirigente do *Clube de Regatas do Flamengo* — foi um crítico ferrenho da desorganização do futebol em âmbito nacional, esforçando-se por uma gestão mais competente na CBD. O escritor, falecido em 1957, não chegou a presenciar o Brasil conquistando um Mundial.

### Considerações finais

---

<sup>70</sup> Para um debate crítico acerca do papel de João Havelange na Confederação Brasileira de Desportos (CBD), e sua trajetória até a presidência da FIFA, cf. ROCHA, Luiz Guilherme Burlamaqui Soares Porto. **A dança das cadeiras**: a eleição de João Havelange à presidência da FIFA (1950-1974). 2019. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

<sup>71</sup> ANTUNES, Fatima Martin Rodrigues Ferreira. **“Com brasileiro, não há quem possa!”**: futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo: Editora da Unesp, 2004.

Pode-se dizer que, sob uma perspectiva, Moacir Barbosa foi escolhido como o principal culpado pela derrota de 1950, enquanto, por outro lado, Pelé, que conta em sua autobiografia<sup>72</sup> ter chorado com a derrota do Maracanazo, iniciava, em 1958, uma jornada que terminaria anos depois em sua coroação como um dos maiores atletas da história do futebol, na Copa do Mundo de 1970. Da vergonha e do fardo da eterna culpa, ao ápice da felicidade e a honra da conquista. Duas trajetórias completamente distintas marcam as histórias de vida de Moacir Barbosa e Pelé, ambos negros. Trajetórias ligadas ao Brasil e ao seu papel em Copas do Mundo.

Ainda em seu ensaio, ao fazer a distinção entre o que se sucedeu no Maracanazo e a conquista do tricampeonato, em 1970, Vogel diz que o Brasil “parece situar-se, quase sempre, entre a glória mistificadora e a miséria *envergonhada*”<sup>73</sup>, assim como o atacante, louvado por suas conquistas, e o goleiro, renegado por sua derrota. O Brasil e o selecionado nacional à sua imagem parecem, portanto, possuir uma trajetória oscilante entre momentos gloriosos, de conquistas, e outros decepcionantes, percebidos como vergonhosos, e a opção da narrativa que se busca contar se concentra entre um e outro. Se para o historiador italiano Carlo Ginzburg a vergonha representa uma chave capaz de repensar nossas identidades, talvez seja interessante incluir nessa perspectiva os vínculos estabelecidos dentro do microcosmo do futebol, que tanto incidem sobre os humores e relações presentes na sociedade brasileira. Ao concluir seu ensaio, Ginzburg relata que:

um indivíduo não pode ser identificado a seus traços singulares. Se quisermos chegar a entender de maneira mais plena os atos e os pensamentos de um indivíduo, no passado ou no presente, devemos explorar a interação entre os conjuntos, específico ou genéricos, a que ele ou ela pertence.<sup>74</sup>

Nesse sentido, o futebol aparece como elemento aglutinador de diferentes identidades, que o moldam e são moldadas por meio dele. A vergonha enquanto sentimento capaz de promover um vínculo intenso, pode ser relacionada ao jogo da bola, desenvolvendo laços de pertencimento entre os indivíduos que compõem uma comunidade — dos que choraram e se silenciaram diante do Maracanazo e, de maneira mais recente, dos que assistiram, atônitos e boquiabertos, o selecionado nacional sofrer sete gols da Alemanha em pleno Brasil.

## Referências bibliográficas

<sup>72</sup> PELÉ. **A importância do futebol**. São Paulo: Editora Sextante, 2016.

<sup>73</sup> VOGEL, 1982, p. 101, *grifo meu*.

<sup>74</sup> GINZBURG, 2020, p. 19 e 20.

- ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ANTUNES, Fatima Martin Rodrigues Ferreira. “**Com brasileiro, não há quem possa!**”: futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo: Editora da Unesp, 2004.
- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Trad. de Pietro Nasseti. São Paulo: Editora Martin Claret, 2003.
- CABO, Alvaro do; HELAL, Ronaldo. **Vitória Épica e Tragédia Nacional em 1950: um contraponto entre o *Diário Carioca* e veículos da imprensa uruguaia**. In: Ronaldo Helal; Alvaro do Cabo. (Org.). *Copas do Mundo: comunicação e identidade cultural no país do futebol*. 1ed. Rio de Janeiro: Eduerj, 2014, v. 1.
- CAIRNS, Douglas L. **Aidos: The Psychology and Ethics of Honour and Shame in Ancient Greek Literature**. Oxford: Clarendon Press, 1993.
- COSTA, Leda. **Os vilões do futebol: jornalismo esportivo e imaginação melodramática**. Curitiba: Appris, 2020.
- \_\_\_\_\_. **Maracanazo, adeus? Da tragédia de 1950 a vergonha de 2014 nas narrativas da derrota da seleção brasileira na imprensa**. *Tríade: Comunicação, Cultura e Mídia*, Sorocaba, SP, v. 4, n. 7, 2016.
- DAMATTA, Roberto. **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.
- \_\_\_\_\_. **Esporte na Sociedade: Um Ensaio sobre o Futebol Brasileiro**. In: *Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro, Pinakotheke, 1982.
- FERREIRA, Fernando da Costa. **O estádio de futebol como arena para a produção de diferentes territorialidades torcedoras: inclusões, exclusões, tensões e contradições presentes no novo Maracanã**. 2017. 439 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.
- FILHO, Mario. **O negro no futebol brasileiro**. 1 ed. Rio de Janeiro: A Noite, 1947.
- GALEANO, Eduardo. **Fechado por motivo de futebol**. Trad. Eric Nepomuceno. 2 ed. Porto Alegre [RS]: L&PM, 2019.
- GINZBURG, Carlo. **O vínculo da vergonha**. Serrote. edição especial. Trad. Samuel Titan Jr. São Paulo: IMS, jul. 2020
- \_\_\_\_\_. **Nossas palavras e as deles: o ofício do historiador na atualidade**. *ArtCultura*, São Paulo, v. 23, n. 42, jan-jun 2021.

- GUEDES, Simoni Lahud. **A dádiva e os diálogos identitários através das Copas do Mundo no Brasil**. CAMPOS, Flavio de; ALFONSI, Daniela (Orgs.). Futebol objeto das Ciências Humanas. São Paulo: Leya, 2014.
- \_\_\_\_\_. **O Brasil nas Copas do Mundo: tempo “suspenso” e história**. São Paulo: Pontes Editores, 2014.
- \_\_\_\_\_. **Que povo brasileiro no campo de futebol?** Razón y Palabra, v. 69, p. 45, 2009, p. 3.
- HELAL, Ronaldo. **Futebol e comunicação: a consolidação do campo acadêmico no Brasil**. Rio de Janeiro: Comunicação Mídia Consumo 8 (21), 11-37, 2011.
- \_\_\_\_\_. **Passes e Impasses: Futebol e Cultura de Massa No Brasil**. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 1997. v. 1. 133p.
- KFOURI, Juca. **O Maracanazo ficará para sempre, mesmo após não haver mais testemunhas**. São Paulo: Folha de S. Paulo, jul. 2020.
- MAGALHÃES, Livia Gonçalves. **Histórias do futebol**. São Paulo: Arquivo Público do Estado, 2010.
- MELO, Victor Andrade de; DRUMOND, Maurício; FORTES, Rafael; MALAIA, João Manuel. **Pesquisa Histórica e História do Esporte**. 1.ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.
- MUYLAERT, Roberto. **Barbosa - Um Gol Silencia o Brasil**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2014.
- PELÉ. **A importância do futebol**. São Paulo: Editora Sextante, 2016.
- PERDIGÃO, Paulo. **Anatomia de uma derrota. 16 de Julho. De 1950 - Brasil x Uruguai**. São Paulo: Panda Books, 2006.
- REGO, José Lins do. **Agora, os mais duros**. Rio de Janeiro: *Jornal dos Sports*, 15 de jul. 1950.
- \_\_\_\_\_. **A derrota**. Rio de Janeiro: *Jornal dos Sports*, 18 de jul. 1950.
- ROCHA, Luiz Guilherme Burlamaqui Soares Porto. **A dança das cadeiras: a eleição de João Havelange à presidência da FIFA (1950-1974)**. 2019. Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2019.
- RODRIGUES, José Carlos. **O rei e o rito**. In: RODRIGUES, J.C. **Ensaio em antropologia do poder**. Rio de Janeiro, Terra Nova, 1982. O artigo foi publicado originalmente na Revista Comum, Rio de Janeiro, FACHA, 1978.
- ROSAS, Frederico. **A pena perpétua de Barbosa**. São Paulo: *El País*, 11 jun. 2014. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2014/06/11/deportes/1402498066\\_930352.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2014/06/11/deportes/1402498066_930352.html).

TAVARES, Ana Beatriz Correia de Oliveira; VOTRE, Sebastião Josué. **Estádio do Maracanã: dos alicerces ao colosso do derby**. REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, v. 37, p. 258-264, 2015.

VOGEL, Arno. **Momento Feliz. — Reflexões sobre o futebol e o ethos nacional**. In: Roberto DaMatta, Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira, Rio de Janeiro, Pinakotheke, 1982

WILLIAMS, Bernard. **Shame and Necessity**. Berkeley: University of California Press, 1993.